



## **Desconstruindo o Telecurso 2000: Relato da Experiência do Acre<sup>1</sup>**

Wagner da Costa Silva<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Acre

### **Resumo**

Este artigo busca discutir como os professores e alunos do Projeto Poronga, desenvolvido no Estado do Acre, descontroem as teleaulas para a aproximar os estudantes dos conteúdos e dar novos contornos aquilo que já chega pronto e formatado às salas de aula. A pesquisa mostra que as teleaulas necessitam de adaptações para atender públicos diferentes e que vivem em realidades geográficas, econômicas e sociais tão distintas

### **Palavras-chave**

Telecurso 2000; Projeto Poronga; Fundação Roberto Marinho

### **Considerações iniciais**

Material educacional voltado inicialmente para trabalhadores que apresentavam baixo índice de escolarização, fortemente comprometido com os interesses de grupos econômicos poderosos de nosso país, como a Federação das Indústrias de São Paulo, o Telecurso 2000 vem se expandindo por todo o Brasil por meio de parcerias seladas entre a Fundação Roberto Marinho e governos estaduais e municipais. No Acre, sob o nome de Projeto Poronga, o Telecurso 2000 chegou em 2002 e tem sido responsáveis por importantes mudanças nos índices obtidos pelo estado nas avaliações realizadas pelo Ministério da Educação (Mec).

Como historicamente tem acontecido em nosso país, essas parcerias seladas entre a Fundação Roberto Marinho e as secretaria de educação que adotam o material, colocam sobre os ombros dos recursos tecnológicos a condição de tábua de salvação dos problemas educacionais deixando-se, muitas vezes, de considerar que os graves problemas que assolam a nossa educação decorrem de uma série de outros fatores: escassez de recursos, remuneração deficitária de professores, formação inadequada frente aos novos desafios que a sociedade apresenta, entre outros. Além do mais, devemos ter consciência que quando colocados dentro das salas de aulas, esses instrumentos carregam, em sua maioria, mensagens pré-fabricadas carregadas de

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 28 a 30 de maio de 2015.

<sup>2</sup> Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Acre – Ufac. wagnercostas@hotmail.com



interesses políticos. Como bem lembra Freire: *a televisão é uma coisa fantástica, mas é preciso que a gente se ponha diante dela, como diante de tudo, muito criticamente.*

Destaque-se, ainda, que as teleaulas do TC2000 não sofrem modificações para atender públicos tão diferentes, sejam trabalhadores em processo de capacitação, ou adolescentes que estão em distorção idade-série. Dessa forma, cabe muitas vezes aos professores e aos alunos realizarem adaptações ao material recebido. Essas modificações acontecem porque as salas de aula são espaços de encontro. Nelas, sujeitos de diferentes origens e histórias, com objetivos diversos, tecem relações de respeito e conflito a partir de intrincadas redes de comunicação que, muitas vezes, não obedecem a regras, sendo construídas nas dinâmicas sem controle que só o ser humano pode produzir. Nesses espaços, onde certezas são substituídas, novas possibilidades de troca de conhecimento, surgem distantes das salas e escritórios onde são pensados materiais como o TC2000. Para Alves e Garcia (2010, p.20)

Felizmente, seja o que for que venha de cima, na sala de aula se transforma em outra coisa, pois este é o espaço/tempo da invenção, da surpresa, da complexidade, desde que tenhamos olhos para ver, ouvidos para escutar, nariz para cheirar, paladar para degustar, pele para sentir, ou não.

As modificações que os professores realizam com os seus alunos, são importantes também para aproximar o conteúdo da realidade dos estudantes. As teleaulas do TC2000 são produzidas em São Paulo, mas trabalhadas por docentes e estudantes de estados que apresentam realidades distintas, seja no Acre, em Pernambuco, ou Brasília, por exemplo. No Acre, mesmo com o sucesso do projeto Poronga, de acordo com a Secretaria de Educação, muitos professores relatam descontentamento deles e de alguns alunos com o conteúdo.

Na minha sala a hora da teleaula é o momento mais complicado. Os meninos não conseguem prestar atenção, ficam conversando, não se concentram e depois eu tenho que explicar tudo de novo. Quando eu to falando a aula fica muito melhor e eles entendem, mas na hora teleaula tudo fica diferente. (professora Sandira, entrevista)

Se não for a gente explicando as coisas, motivando os meninos, eles não ficavam aqui no Poronga não. Tem muito aluno que aproveita a hora da teleaula pra ficar dormindo. Eles dizem que o sucesso do Poronga é a teleaula, mas eu não acho. Os meninos só ficam aqui no projeto pelas coisas que a gente faz em sala de aula, que motiva eles, que faz com que eles fiquem no projeto. (professora Rosana, entrevista)

Essas teleaulas tinham que ser mudadas, elas não chamam a atenção dos alunos. Elas foram feitas pra trabalhadores, mas a gente usa com adolescente, acho que por isso os alunos ficam tudo reclamando quando é a hora de passar



a teleaula. Acho que tem coisa que eles não entendem, sei lá, não gostam, os meus pelo menos, não gostam. (professor Fernando, entrevista)

Pelo que pode-se perceber nas falas dos docentes, são eles que aproximam os estudantes dos conteúdos, são as suas falas, os seus modos de desfazer aquilo que estava pré-estabelecido pelos programas que chegam prontos da Fundação Roberto Marinho, caso contrário os alunos continuariam desinteressados pela escola, independente do uso da televisão na sala de aula. Como destaca Libâneo (2003, p. 31), os problemas da vida real na sociedade (global e local), os interesses em que os alunos estão envolvidos, outras formas de saber, não se fazem presentes na sala de aula.

### **Tecendo a história do Telecurso no Acre**

O Projeto Poronga foi criado no ano de 2002, três anos depois da Frente Popular do Acre ter chegado ao poder. Nesse momento, a educação do estado apresentava uma taxa de 54% de estudantes do ensino fundamental em distorção/idade série. Esses números não se coadunavam com o projeto maior de governo do Partido dos Trabalhadores, que tinha como um de seus objetivos aproximar os índices sociais do Acre dos que são registrados pelos mais bem colocados nos índices que Ministério da Educação anualmente divulga.

Na área de educação, esses números iniciais mostravam que mais da metade dos alunos matriculados na rede estadual de ensino estavam com, no mínimo, dois anos de atraso escolar em relação à série que deveriam estar cursando. A iniciativa atendeu inicialmente uma clientela de jovens e adultos da Capital Rio Branco, em oito escolas da rede estadual urbana.

O projeto nasceu como resultado de uma visita técnica realizada por duas professoras acreanas ao estado do Maranhão, onde era desenvolvido o projeto Avanço Escolar. As gestoras acreanas foram ainda ao Rio de Janeiro, para conhecer a experiência da Fundação Roberto Marinho enquanto detentora da metodologia Telecurso 2000.

Coordenadora do Projeto Poronga, a professora Emilly Areal destaca que foi o uso da teleaula que chamou a atenção dos gestores acreanos, pois permitia uma maior aproximação dos alunos com os conteúdos, o que contribua para a permanência deles em sala de aula.



Foi verificado que lá estava dando certo, que era realmente algo que ia trazer um benefício muito grande a essa população de alunos matriculados que estava à margem da escola, porque a escola não estava atingindo o seu objetivo principal que é de ensinar e os alunos que é de aprender. Então foi visto que seria uma metodologia interessante, claro que adaptado às realidades do Acre. Verificou-se que o uso da televisão e do VHS motivava os alunos, a história da novelinha, de você contar um história, você ouvir, você sentir, e você realmente poder estar se sentindo parte daquele contexto, ser uma informação mais contextualizada, trazia significância para o aprender em sala de aula. Uma das maiores características vistas pelos técnicos e gestores do Acre foi o uso da teleaula dentro da sala de aula. (Areal, 2010)

A proposta implantada no Maranhão chamou a atenção ainda por possuir uma metodologia inovadora e flexível, onde os currículos não eram estanques e adaptavam-se à formação cultural, aos anseios de cada estado e à realidade vivida pelos estudantes. Possuía mecanismos que tinham o intuito de resgatar a autoestima, os valores sociais, a cultura, o esporte, e, conseqüentemente, pensava o jovem como um ser único.

O trabalho observado se aproximava das iniciativas que o Projeto Seringueiro já desenvolvia no Acre desde a década de 80 e tinha conquistado resultados expressivos. O modo como o Projeto Seringueiro via os sujeitos influenciou sobremaneira a iniciativa pensada pela Secretaria de Educação. O nome Poronga, além de remeter ao objeto que ilumina o caminho do seringueiro à noite no meio da floresta, era o nome da cartilha utilizada durante aulas do supracitado projeto.

### **A sala de aula do Poronga e os modos de fazer e desfazer o TC 2000**

Passada a fase de implantação e com o respeito já conquistado entre os docentes, os gestores públicos e a sociedade, era preciso aproximar o programa da realidade local, a partir da construção de projetos que resultassem em benefícios e dissesse respeito especificamente ao alunado acreano. Chegava o momento de voltar-se para a nossa realidade, após beber de fontes externas, tendo em vista as inúmeras influências que o programa sofreu em seu período de gestação e consolidação. Peço permissão, para usar uma fala longa, porém importante, da professora Emily Areal, onde ela explica essa cor e tom do Acre dado ao Telecurso 2000.

O Projeto Poronga tem seus traços específicos. Se você visitar todos os estados da federação que o usam o telecurso, você vai verificar que o Acre é diferente do Travessia em Pernambuco, que é diferente do Veredas em Brasília, que é diferente da Baixada Fluminense no Rio de Janeiro. Então você vai perceber que cada lugar tem o seu jeito, sua forma de trabalhar. A nossa problematização, por exemplo, ela é muito mais aprofundada, ela não é apenas motivadora, instigadora, ela aprofunda também determinados



assuntos já no momento inicial, antes da exibição do vídeo, uma característica muito forte daqui do Acre. A nossa forma de conduzir a problematização é diferente, pois a maturidade do estado do Acre permite que os professores tenham o domínio da metodologia e consigam ir e vir muito facilmente. A gente quer fazer uma atividade integradora, tem um momento em que nos vamos ter duas teleaulas no mesmo dia, nos fazemos uma atividade integradora e uma única problematização para as duas teleaulas, o domínio da metodologia, o conhecimento do saber /fazer te dá essa condição, essa mobilidade. (Areal,2010)

A problematização, à qual a professora Emily se refere, diz respeito ao segundo momento da aula, onde o professor deve instigar o aluno para despertar nele a curiosidade pelo tema que será abordado no dia. Percebi, ao longo da minha pesquisa de doutorado, que é bastante comum os professores fugirem do que é proposto no livro que vem da Fundação. Por exemplo, na aula de geografia que teve como tema “pegadas ecológicas”, a problematização foi feita a partir de um vídeo do acervo pessoal da professora, fato que ela deixou bem marcado antes da exibição. Nas aulas de matemática, as situações da economia do Acre, da realidade acreana, aparecem bastante nesse momento. Esse procedimento, propicia uma troca de experiências entre professores e alunos, a partir da realidade de ambos, e instiga a curiosidade dos discentes.

Sobre os contornos que reivindicaram o nascimento do colorido acreano no programa, Emily Areal destaca: A gente via as problemáticas, ia se interessando pelos temas e ia trazendo pra discussão com os alunos. Que tal a gente criar um projeto? Ter uma grande culminância? À medida que isso ia ganhando corpo os projetos iam sendo construídos e vão sendo modificados a cada ano. (Areal, 2010).

Desse trabalho de parceria entre alunos, professores, coordenação e supervisores, nasceram cinco projetos: “Minha África Brasileira”, “Momento UEPA!, que trabalha a matemática no âmbito da curiosidade; “A hora do cientista”, realizado na disciplina de ciências; e “Ler é um prazer” na disciplina de Língua Portuguesa, e “conhecer para cuidar”, que aborda aspectos de meio ambiente na matéria de ciências. Para a professora Sandira:

Os projetos são muito importantes, nos podemos sair da sala de aula, fazer outras coisas, fugir daquilo que já vem pronto da Fundação. Nós visitamos museus, já fomos aos parques, fizemos eventos no Dia da Consciência Negra e da mulher. Isso tudo é muito bom, porque os alunos gostam. Percebo que nossos alunos não gostam de ficar só na sala, sentados, eles gostam de fazer outras coisas e os projetos permitem isso.

O mais antigo desses projetos é o “Ler é um prazer” desenvolvido ininterruptamente em todos os módulos. Nos intervalos entre as aulas os alunos são



colocados em contato com textos de diferentes autores e estilos. A seguir mostramos os principais traços dos projetos em desenvolvimento pelo Projeto Poronga.

### *Projeto Minha África*

Com a lei que tornou obrigatório o ensino da afrodescendência nas escolas públicas, e essa temática já era trabalhada muito fortemente com história, a coordenação e os professores resolveram desenvolver o projeto Minha África Brasileira. Durante o projeto, realizado no módulo da disciplina de História, são trabalhados aspectos da cultura afro, desde a culinária, costumes, etimologia das palavras, toda relação histórica que o negro tem com o povo brasileiro. Esse projeto tem como objetivo principal tornar viva a identidade brasileira, a relação entre a cultura brasileira e africana. A sua culminância acontece no dia 10 de novembro, quando se comemora o Dia da Consciência Negra, onde são realizadas mostras culturais, onde os alunos apresentam o resultado de seus trabalhos de formas diversas.

### *Conhecer para cuidar*

O Projeto Poronga atende um público que reside em sua grande maioria em áreas periféricas da cidade de Rio Branco, e que vivem no seu cotidiano os reflexos de uma cidade que cresceu desordenadamente, fruto de uma migração acentuada principalmente nas décadas de 70 e 80 quando milhares de seringueiros foram expulsos de suas terras e buscaram abrigo na periferia da capital. Diante desse quadro, era preciso levantar com os alunos às necessidades dos bairros e os principais problemas apresentados por eles. Com esse propósito foi criado do projeto “Conhecer Para Cuidar”.

Durante as atividades, que acontecem no módulo de geografia, os estudantes realizam pesquisas através de questionários, coleta de dados, e processamento dos questionários e ai vão trabalhar junto com o professor que alternativas viáveis poderiam ser enviadas para o prefeito dos municípios, com os presidentes das associações de bairro.

Como resultado, o projeto já realizou momentos solenes com a prefeitura, entregando o resultado do projeto, para que eles pudessem incluir no planejamento



estratégico da prefeitura municipal de Rio Branco e também dos municípios do interior, alternativas e sugestões da comunidade e dos alunos do projeto Poronga para o programa de desenvolvimento do estado.

### *Ler é um prazer*

Desenvolvido na disciplina de língua portuguesa, o projeto visa a motivar o gosto pela leitura, trabalhando das mais diversas formas diferentes gêneros literários. Menina dos olhos do projeto, a professora Emily fala da seguinte forma da iniciativa:

“A gente trabalha desde a receita de bolo até a música, poesia. Nós trabalhamos no dia a dia nas aulas de língua portuguesa, e como ele é um carro chefe do projeto não encerramos ao final do módulo de língua portuguesa. Trabalhamos também com roteiros pra produção de textos, aprimorando não só o gosto pela leitura, mas repertoriando melhor os nossos alunos para que possam reconhecer os diversos gêneros. (Areal, 2010)

### *Momento Uepa*

Uma das marcas iniciais do Projeto Poronga era o receio inicial que os professores tinham com a disciplina de matemática. Formadas em sua maioria em áreas como Letras, Ciências Sociais, História e Pedagogia, e destacando-se a carência de professores de matemática, física e química no Estado do Acre, esses docentes se achavam incapazes de trabalhar em sala de aula os conteúdos que envolviam essa disciplina. Deve ser destacado ainda o medo antecipado que os estudantes já possuem das disciplinas que envolvem números. Ao se defrontar com um cenário que já colocava a matemática com um dos entraves iniciais do projeto, era preciso criar algo que trouxesse prazer para os alunos professores.

Entre as principais queixas, está o fato das teleaulas não conseguiram despertar a atenção dos alunos ou deixarem-nos dispersos, além de não promover o entendimento de alguns conteúdos, o que só acontece com o seu trabalho, a partir de sua explicação, nos remetendo a Claro (2005), para a autora:

A TV não substitui o papel do professor, mas lhe dá uma nova roupagem, ou seja, diante das novas formas de compreender desenvolvidas pelos audiovisuais na vida social, ao trazê-los para a educação o papel do professor é redimensionado, agora ele passa a ser um gestor do processo de aprendizagem,

No entanto, com a evolução do projeto, a realização constante de capacitações, os professores foram ganhando autonomia para melhor usar as teleaulas, de acordo com





os seus objetivos saindo, muitas vezes, do script imposto pela Fundação Roberto Marinho. Hoje, de acordo com o relato da professora Emilly Areal, os docentes acreanos estão mais livres para experimentar novos modos de trabalhar com a teleaula. O Projeto Poronga é um modelo para o país. Nossos professores já foram inclusive dar treinamento para professores de outros estados. O Acre conseguiu aperfeiçoar a proposta e hoje é uma referência para a Fundação. (Areal 2010, entrevista)

Esse processo de aperfeiçoamento do trabalho nasceu em grande parte das dificuldades vividas pelos professores no cotidiano da sala de aula. Tendo em vista que os professores recebiam queixas de alunos que não se interessavam pelo material. Nas capacitações essas dificuldades eram divididas entre os professores e eles buscavam alternativas. Dessa forma, os docentes discutiram a melhor hora para inserir a teleaula, e alternativas aos conteúdos do calendário escolar. Seguindo esse caminho, os professores passaram a incluir vídeos do acervo pessoal, mudar o tempo em que a teleaula era exibida e, em alguns casos, fazer a aula tradicional e no final passar o vídeo. A partir das falas dos professores podemos perceber algumas das dificuldades.

A Fundação não sabe como são as dificuldades dos nossos meninos. Não sabe se o menino tem mais dificuldade em português ou história, não sabe como ele aprende as coisas na casa dele e como ele leva isso pra escola. Quem conhece os meus meninos sou eu. Por isso que eu axo que a gente tem mesmo que fazer coisa diferente com a teleaula. Tem teleaula que não consegue explicar da forma que a gente explica. (professora Vera, entrevista)

Eu gosto de trabalhar com a teleaula, acho importante, mas tem menino que tem muita dificuldade em alguns conteúdos. Tem outros que não gostam mesmo. Ai se ficar presa só a teleaula os meninos não aprendem algumas coisas, eles mesmos dizem isso. (Professora Sandira, entrevista)

Não dá pra ficar só com a teleaula. Matematica os meninos tem muita dificuldade. Os meus não conseguem aprender assistindo só a teleaula, eu tenho que explicar tudo depois, por isso que tem teleaula que eu passo rápido pra sobrar mais tempo pra explicar. É desse jeito que eu faço.

Se durante os cursos de capacitação, os professores mostram a sua insatisfação e propõem mudanças, no modo de abordar cotidianamente alguns conteúdos, é em sala de aula que essa inquietação torna-se mais evidente, o que distancia o olhar que os professores têm do Telecurso 2000 daquele oriundo da fala oficial, no caso, a Secretaria de Educação, que considera existir uma homogeneização no modo como os docentes trabalham com a metodologia da Fundação Roberto Marinho.

Todavia, como nas salas de aula habitam sujeitos diferentes, com perspectivas, modos de sentir, com necessidades e saberes também diferentes, o material do





Telecurso 2000 vai ganhando outros contornos, que não o esperado pela Secretaria ou pela Fundação. Contornos que não se pautam pela homogeneidade, mas pela necessidade que os sujeitos possuem de vivenciar aquele material de forma particular, o que só ocorre quando as suas visões sobre os conteúdos aparecem, quando eles se encontram nos outros e com os outros.

### **Considerações finais**

Em um país de dimensões continentais como o Brasil e com tantas diferenças entre suas regiões, sejam econômicas, geográficas, de costumes, culturais, os professores e estudantes do Projeto Poronga mostram, em seus relatos, que um material aparentemente pautado pela homogeneização e pouca flexibilidade, no cotidiano da escola vai frequentemente se expandindo e, algumas vezes, sofrendo adaptações. Entre outras coisas, afirmam que o material, não pensado para atender a adolescentes que estão fora do fluxo regular, poderia sofrer modificações para melhor atender a esse grupo de estudantes que estão na escola com suas particularidades e que reivindicam novos modos de *aprenderensinar*. Destaca-se, ainda, o importante papel dos professores como mediadores e criadores de conteúdos, tendo em vista as mudanças feitas para melhor atender os estudantes.

### **Referências:**

- ALMEIDA JUNIOR, Arnóbio Marques. **O Planejamento Estratégico e a Reforma Educacional do Acre**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- ALLEGRETTI, Mary Helena. **A construção social de políticas ambientais: Chico Mendes e o Movimento dos Seringueiros**. Tese de Doutorado. Universidade de Brasília. 2002.
- ALVES, Nilda. **Trajetórias em redes na formação de professores**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- ALVES, N. e GARCIA, R.L. (orgs.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- CLARO, Patrícia de Tililio. **Telecurso 2000: a telessala como espaço de recepção, de gestão da comunicação e de ensino-aprendizagem**. Dissertação de Mestrado Universidade Estadual Paulista. 2005.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora?** São Paulo. Cortez. 2003.